

Immanuel Kant

# DISSERTAÇÃO DE 1770

Tradução, apresentação e notas  
de Leonel Ribeiro dos Santos

# CARTA A MARCUS HERZ

Tradução, apresentação e notas  
de António Marques

*2.ª edição, revista*

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

## NOTA À 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Dada a escassez de oportunidades que entre nós se oferecem para a publicação de textos de natureza filosófica, julgou-se conveniente fazer acompanhar a *Dissertação de 1770*, de Kant, da Carta do mesmo a Marcus Herz, de 21 de Fevereiro de 1772.

Estas duas peças, que têm mais do que um ponto em comum e que, por isso mesmo, mutuamente se iluminam, constituem, além disso, os dois mais importantes escritos de Kant nos onze anos que imediatamente precederam a publicação da *Crítica da Razão Pura* (1781). Pelo seu conteúdo, pela natureza dos problemas que levantam, pelas dificuldades que deixam entrever e também pelas soluções para que apontam, elas constituem ainda o melhor esclarecimento que nos pode ser prestado acerca do longo processo de meditação que está na génese daquela que é justamente considerada não só a obra mais importante de Kant como também o mais decisivo acontecimento filosófico do século.

Para esta reedição das duas peças, que ocorre no contexto da celebração do 2.<sup>o</sup> centenário da morte do seu autor, os tradutores procederam a uma revisão das respectivas traduções e, quando oportuno, a um discreto completamento das notas e à actualização da bibliografia.

DISSERTAÇÃO  
DE 1770

ACERCA DA FORMA E DOS PRINCÍPIOS  
DO MUNDO SENSÍVEL E INTELIGÍVEL

## APRESENTAÇÃO

1. *Com a Dissertação acerca da Forma e dos Princípios do Mundo Sensível e Inteligível, mais conhecida por Dissertação de 1770, obteve Kant, aos 46 anos de idade, o lugar de Professor Ordinário de Lógica e Metafísica da Universidade de Königsberg*<sup>1</sup>. O seu autor era já bem conhecido do público filosófico do seu país e as obras que publicara até essa altura tinham valor mais do que suficiente para que ele ocupasse algumas merecidas páginas numa História da Filosofia, como um dos maiores representantes da filosofia alemã do seu século. O público habituara-se a ver nele um espírito vigoroso e de vastos interesses, dotado de elevado sentido de autonomia, disposto a discutir as verdades decisivas tidas por dogmas e a medir razões com as autoridades filosóficas cuja sombra dominava o seu mundo cultu-

---

<sup>1</sup> O título completo da edição original é o seguinte: *Acerca da Forma e dos Princípios do Mundo Sensível e Inteligível*, Dissertação para obter, segundo a regra, o lugar de professor ordinário de Lógica e Metafísica, que será defendida publicamente, de acordo com os estatutos académicos, por Immanuel Kant. O papel de respondente é desempenhado por Marcus Herz, judeu de Berlim, cultor da Medicina e da Filosofia. Sendo oponentes Jorge Guilherme Schreiber, da Prússia Real, estudante de Artes, João Augusto Stein, da Prússia Real, candidato em ambos os Direitos, e Jorge Daniel Schroeter, de Elbing, candidato em Sagrada Teologia. Tem lugar no Grande Auditório, de manhã e de tarde, às horas do costume, no dia 20 de Agosto de 1770. *Kant's Gesammelte Schriften* (ed. da Real Academia Prussiana das Ciências), Walter de Gruyter, Berlim, 1968, vol. II, 387-419. Todas as obras de Kant, salvo indicação em contrário, são citadas por esta edição (Ak.), indicando-se o respectivo volume e página. Para a *Crítica da Razão Pura* (K. r. V.) indica-se também a paginação da 1.<sup>a</sup> (A) e 2.<sup>a</sup> (B) edições.

ral, nomeadamente Leibniz e Wolff. Não era de modo algum um filósofo disposto a aceitar soluções convencionais. Cada ensaio que lhe saía da pena rasgava caminhos novos até ali insuspeitados. Cada escrito seu era uma aventura em que se comprometia e por onde avançava quase sempre sem o cómodo conforto de uma escola ou tendência em que se filiasse, mesmo quando pontualmente adoptava as perspectivas deste ou daquele pensador. Desde cedo tomara para si aquelas máximas que mais tarde apresentará como critério para reconhecer o verdadeiro espírito filosófico: a autonomia do pensar, a largueza de espírito e a coerência consigo próprio<sup>2</sup>.

Desde 1746, Kant fora dando expressão aos múltiplos interesses do seu espírito, do que são testemunho os seus sucessivos escritos. Através destes podemos ver como o filósofo se move, com a mesma agilidade, ousadia e segurança, tanto em questões de filosofia natural e de cosmologia geral, como em questões de metodologia, de metafísica, de teodiceia, de estética e de moral. Estes interesses, múltiplos mas não dispersos, manter-se-ão presentes, com maior ou menor insistência, no decurso de toda a sua evolução intelectual, conferindo ao seu pensamento a peculiar complexidade que o caracteriza. Entre todos merece destaque a preocupação com o destino da Metafísica, acerca de cuja natureza e método havia muito se interrogava. É neste interesse maior, que cimenta e dá sentido a todos os outros e lhes confere a densidade e a profundidade filosóficas, que vem inserir-se a presente obra.

Considerada no contexto da evolução filosófica de Kant, a Dissertação de 1770 representa um marco decisivo que assinala uma dupla viragem. Lida em confronto com os Sonhos de um Visionário, escritos quatro anos antes, ela representa a inequívoca reconciliação do seu autor com a Metafísica<sup>3</sup>. Não se deve, contudo, sobrevalorizar a ruptura existente entre os Sonhos e a Dissertação. Aquele ensaio, mais do que escrito contra a Metafísica wolffiana ou leibniziana, foi-o, na verdade, contra as visões e o entusiasmo delirante (*Schwärmerei*) de Swedenborg<sup>4</sup>. E, de resto, é o próprio Kant quem, em carta a Mendelsohn, de 8 de Abril de 1766, nos diz como deve

---

<sup>2</sup> Cf. *Kritik der Urteilskraft*, § 40. Ak. V, 294-295.

<sup>3</sup> Cf. Ernst Cassirer, *Kants Leben und Lehre*, Darmstadt, 1977, 101 e segs. Cf. J. Maréchal, *Le Point de Départ de la Métaphysique*, Paris, 1964, Cahier III, 66 e segs.

<sup>4</sup> Cf. *Träume eines Geistersehers*, Ak. II, 354 e segs.

*entender-se esse escrito, ditado pelo humor de ocasião, ao mesmo tempo que nos elucida acerca da sua verdadeira posição pessoal no que respeita à Metafísica. Diz ele: «Estou tão longe de admitir que a Metafísica, considerada objectivamente, seja algo sem importância ou supérfluo que, desde há algum tempo, particularmente desde que julgo compreender a sua natureza e o lugar que lhe compete entre os conhecimentos humanos, estou convencido de que dela depende o verdadeiro e duradouro bem da espécie humana.»*<sup>5</sup>

*Mas a Dissertação representa ainda uma viragem no sentido em que, se, por um lado, com ela se dá uma reconversão de Kant à Metafísica e aos problemas desta, por outro, ela significa, no seu conjunto e na inspiração que lhe preside, uma nova maneira de colocar aqueles problemas e, como tal, ela pode considerar-se, com justiça, como o início e o programa da futura filosofia crítica. Assim, à recuperação da temática da Metafísica, deve juntar-se a novidade da perspectiva com que aquela é considerada. Esta continuidade de temática e a novidade de perspectiva são bem visíveis no próprio título da Dissertação. Kant escolhe um tema da metafísica tradicional — o conceito de Mundo. Trata, porém, de o abordar, não só expondo características contidas na sua noção, mas também «atendendo, à dupla gênese do conceito a partir da natureza da mente», ou seja, atendendo ao modo como ele surge na sensibilidade e no entendimento, considerados desde agora como as duas fontes irredutíveis do conhecimento humano. Por isso, o título da Dissertação não indica tanto um tratado de cosmologia metafísica, quanto um ensaio de propedêutica à metafísica cosmológica; não se preocupa tanto com a natureza do Mundo, quanto com o modo como ele é por nós conhecido e como somos levados a pronunciar juízos a seu respeito de maneira a formar uma teoria acerca do mesmo. Trata-se da forma e dos princípios. Estes dizem na verdade respeito às distintas faculdades da mente que intervêm na elaboração do conceito de Mundo e não a este enquanto considerado em si mesmo.*

*Importa sublinhar esta consciência da autonomia e do poder da forma, pois nela se decide o destino da filosofia kantiana. É nela, e não apenas numa ou noutra questão pontual — nomeadamente na que respeita à teoria da idealidade das formas da sensibilidade —, que reside a originalidade desta obra. Não é de esperar, todavia, que a Dis-*

---

<sup>5</sup> Ak. X, 70.

sertação seja absolutamente explícita em relação a todos os pontos sobre que versa. Trata-se de um ensaio, escrito à pressa, que, na sua economia interna, pretende ser apenas uma simples amostra do que o filósofo promete e se propõe prosseguir com maior atenção e profundidade. Não deixa de ser notada a preocupação com que Kant solicita e acolhe os pareceres dos pensadores que mais prezava pelo seu valor intelectual: Marcus Herz, Lambert, Mendelssohn, Sulzer. Como se buscasse, no juízo esclarecido destes, um parâmetro que lhe permitisse avaliar melhor o seu próprio ponto de vista e medir todo o alcance da via original por onde decidira avançar com a certeza e a confiança que lhe advinham dos frutos já através dela colhidos. Não é de admirar, pois, que em várias ocasiões posteriores, Kant se refira à sua *Dissertação acadêmica* com o declarado reconhecimento de que ela representara o ponto de partida das meditações que o haveriam de conduzir à *Crítica da Razão* <sup>6</sup>.

2. As cinco secções que compõem a *Dissertação* têm desigual interesse e significado. Foi o seu autor o primeiro a reconhecê-lo, em carta a Lambert, de 2 de Setembro de 1770: «A primeira e a quarta secções, dada a sua insignificância, podem ser apenas folheadas; mas na segunda, terceira e quinta, ainda que devido à minha indisposição não tenham sido elaboradas como eu quereria, parece-me, contudo, haver nelas matéria digna para um desenvolvimento mais cuidado e extenso.» <sup>7</sup> O estilo e a clareza não são uniformes, havendo secções mais explícitas do que outras, o que certamente é índice do diferente nível de elaboração que lhes presidiu. Para fins de edição, Kant projectava corrigir as imperfeições e precisar melhor o seu pensamento. Isso, contudo, não veio a acontecer <sup>8</sup>.

A primeira secção enuncia o tema e indica brevemente as aporias com que se enfrenta a sua solução, caso não se tenha em consideração o papel desempenhado pela sensibilidade, nomeadamente através da intuição pura do tempo, na elaboração do conceito de Mundo. Ao mesmo tempo estabelece a necessidade de considerar o conceito de Mundo a dois níveis distintos: ao nível da sensibilidade e ao nível do entendimento.

---

<sup>6</sup> Cf. Carta a M. Herz, de 1 de Maio de 1781 (Ak. X, 266); Carta a Johann Schultz, de 26 de Agosto de 1783 (Ak. X, 351).

<sup>7</sup> Ak. X, 98.

<sup>8</sup> Cf. Ak. X, 123.

A segunda secção trata de legitimar a diferença entre a sensibilidade e o entendimento, vinculando aquela aos fenómenos e este aos noumenos. O fim desta demarcação é claro: trata-se de, por meio dela, dar razão da Geometria enquanto ciência dos fenómenos e das coisas sensíveis e de circunscrever os seus limites, evitando assim que os conceitos referentes ao mundo sensível transgridam os respectivos limites e se introduzam nos juízos respeitantes às coisas inteligíveis, que devem ser determinadas apenas pelo entendimento puro. O que nesta tese se decide é a radical separação, irreversível, entre a ciência da natureza e do mundo sensível — Geometria — e a Metafísica, ciência do mundo inteligível. A *Dissertação* é já uma doutrina dos limites, não por certo do entendimento, mas da sensibilidade. É ainda a já citada carta a Lambert que nos elucida acerca da intenção do ensaio. Diz Kant: «As leis gerais da sensibilidade desempenham sem razão um grande papel em Metafísica, onde tudo depende, todavia, de conceitos e de princípios que pertencem à razão pura. Parece que uma ciência totalmente especial, ainda que meramente negativa (*phaenomenologia generalis*), deve preceder a Metafísica; nela seriam fixados a validade e os limites dos princípios da sensibilidade, a fim de que eles não perturbem os juízos que versam sobre objectos da razão pura, como quase sempre aconteceu até ao presente.»<sup>9</sup>

Se a doutrina respeitante à sensibilidade é totalmente nova e original, já a doutrina respeitante ao entendimento e ao mundo inteligível é ainda essencialmente leibniziana<sup>10</sup>. Apesar da distinção proposta por Kant entre o uso lógico e o uso real do entendimento, a

---

<sup>9</sup> Ak. X, 98.

<sup>10</sup> Esta presença da filosofia leibniziana, como factor determinante das ideias kantianas da *Dissertação*, tem sido justamente posta em destaque pela generalidade dos comentadores. Tal recuperação do leibnizianismo por parte de Kant deve-se, sem dúvida, a um mais vasto e mais profundo conhecimento da obra do filósofo de Hanôver, tornado possível pelas edições das suas obras entretanto levadas a cabo por Raspe (*Oeuvres Philosophiques latines et françaises de Feu Mr. de Leibniz*, Amesterdão/Leipzig, 1765), que pela primeira vez tornou conhecidos os *Nouveaux Essais sur l'Entendement humain*, e por Dutens (*Opera Omnia, nunc primum collecta, in classes distributa, praefationibus & indicibus exornata*, Genebra, 1768). Cf. Cassirer, *op. cit.*, 102 e segs. A ambiguidade deste retorno de Kant ao leibnizianismo é notada por Maréchal, *op. cit.*, 66. Para mais completa informação sobre este ponto, veja-se a «Bibliografia».



sua concepção a este respeito permanece bastante obscura<sup>11</sup>. Nomeadamente, não se vê qual seja o papel do entendimento (ainda identificado com a razão) no conhecimento dos fenómenos; antes parecendo ser daí completamente excluído e relegado para o domínio dos puros inteligíveis, cuja natureza tão-pouco é esclarecida, excepção feita aos conceitos morais. Fica por pensar, não só a natureza do mundo inteligível em geral, em coerência com a doutrina da sensibilidade, como fica por pensar se e como os conceitos do entendimento se aplicam às intuições da sensibilidade. Isso, porém, é o problema de cuja dificuldade fala a demorada redacção da Crítica da Razão Pura<sup>12</sup>.

A terceira secção é de todas a mais elaborada e a que contém resultados mais definitivos. Dois anos antes, no ensaio intitulado Do Primeiro Fundamento da Diferença das Regiões no Espaço, Kant tivera ocasião de repensar, por sugestão de Euler, a tese newtoniana do espaço real absoluto e, embora não se decidisse aí acerca do tipo de realidade que correspondia ao espaço, concluía claramente pela necessidade de o considerar como algo absoluto e prévio a toda a localização de objectos. Aí diz: «O meu objectivo nesta dissertação é procurar se não se pode encontrar nos juízos intuitivos referentes à extensão, como os que se encontram na Geometria, uma prova evidente de que o espaço absoluto, independente da existência de qualquer matéria, considerado como primeiro fundamento da possibilidade da sua composição, comporta uma realidade que lhe é própria.»<sup>13</sup> Seguidamente, rejeita a tese leibniziana que considerava o espaço como a ordem ou relação das partes situadas, defendendo que esta relação das partes situadas relativamente umas às outras só pode fundar-se na relação mais originária com o espaço absoluto e geral. Ao mesmo tempo sustenta que o espaço absoluto não é o objecto de uma sensação exterior, mas antes um conceito fundamental, anterior a toda a sensação e que deve ser considerado como condição da possibilidade desta. Por fim, conclui, dizendo: «um leitor atento deverá considerar

---

<sup>11</sup> Kant reconhecerá esta falha da sua *Dissertação*, em carta a M. Herz, de 21 de Fevereiro de 1772 (Ak. X, 130). É outro o juízo de Cassirer, que considera haver já nesta obra uma «pormenorizada teoria do inteligível, fundada na investigação dos seus princípios e pressupostos» (*op. cit.*, 101).

<sup>12</sup> Cf. *K. r. V.*, Ak. III, 133 e segs. (A 137 e segs./B 176 e segs.).

<sup>13</sup> *Von dem ersten Grunde des Unterschiedes der Gegenden im Raume*, Ak. II, 378.

*o espaço como o pensa o geómetra e como o admitiram filósofos penetrantes no seu sistema de ciência da natureza, e não como uma simples coisa do pensamento, ainda que não faltem dificuldades que rodeiam esse conceito quando se pretende captar a sua realidade por meio das ideias da razão, uma vez que ela só é acessível suficientemente por meio da intuição graças ao sentido interno.»*<sup>14</sup>

*Neste ensaio de 1768 encontra-se, pois, em gérmen, a terceira secção da Dissertação de 1770. Nesta última, para além de se entenderem ao tempo, por analogia, as teses respeitantes ao espaço, precisam-se as ideias, chamam-se as coisas pelos seus nomes, decidem-se as hesitações. São três as questões agora consideradas por Kant na sua abordagem do espaço e do tempo: a da faculdade a que se referem, a da sua aquisição ou surgimento, a da sua natureza e características.*

*A primeira já tinha respondido a segunda secção, e essa resposta preside a todo o desenvolvimento da terceira secção: o tempo e o espaço dizem respeito à sensibilidade e são irredutíveis quer à sensação, quer a um conceito do entendimento. No que se refere à segunda questão, Kant aproxima-se, contra Locke, da tese de Leibniz de um inatismo mitigado, segundo o qual, não sendo inatas, as intuições puras do espaço e do tempo são contudo adquiridas a partir de leis inatas da mente, por ocasião das sensações. No que se refere à terceira questão, Kant situa-se entre Newton, que defendia o espaço real e absoluto, e Leibniz, defensor da tese do espaço e do tempo como entidades ideais e relativas. Assim, resolvendo a dificuldade que ainda lhe subsistia no ensaio de 1768, Kant elabora uma teoria que, insistindo na dimensão singular e primitiva do espaço e do tempo, lhes retira a dimensão substantiva e real, considerando-os como formas puras de natureza ideal e subjectiva, enfim, como intuições puras da sensibilidade.*

*Não estamos perante uma solução de compromisso ou um mero arranjo teórico conseguido mediante a mistura de elementos conceptuais provenientes das duas teorias citadas. Trata-se de uma concepção realmente nova, a igual distância de qualquer daquelas, por muito que se possam reconhecer analogias. Kant rejeita a objectividade do espaço e do tempo, comum tanto a Newton como a Leibniz, insiste na sua irredutibilidade a conceitos, vincula-os decididamente à sensibilidade do sujeito.*

---

<sup>14</sup> Ak. II, 383.

## ÍNDICE

Nota à 2. <sup>a</sup> edição .....	7
-------------------------------------	---

### DISSERTAÇÃO DE 1770

Apresentação de LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS .....	11
Dissertação acerca da forma e dos princípios do mundo sensível e inteligível .....	23
Secção I — Da noção de mundo em geral .....	27
Secção II — Da diferença entre os sensíveis e os inteligíveis em geral .....	37
Secção III — Dos princípios da forma do mundo sensível .....	49
Secção IV — Do princípio da forma do mundo inteligível .....	63
Secção V — Do método no que se refere aos conhecimentos sensitivos e intelectuais em questões metafísicas .....	71
Notas .....	87
Índice de temas .....	107
Índice de nomes .....	111
Bibliografia .....	113

### CARTA A MARCUS HERZ

Apresentação de ANTÓNIO MARQUES .....	121
Carta a Marcus Herz .....	131
Notas .....	139